

## Crítica do presente, crítica da educação: tentativas

Se os tempos são de autoritarismo e de guerra permanente, ainda que haja momentos de aparente paz e interregnos democráticos, então é preciso, para que haja esperanças de que esse mundo possa ser outro em algum momento, seguir na reflexão crítica. É isso que pretendem, de diferentes maneiras, os textos que este dossiê reúne. Eles vêm de diferentes países e com distintas abordagens, mas irmanados no intento de contribuir para uma analítica inconformista do presente. Cada um a seu modo, buscam fazer justiça àquele alerta de Theodor W. Adorno, segundo o qual a crítica, para que seja efetiva, jamais poderá ser a que só aparentemente desobedece, mas que de fato é afirmativa e condescendente.

O dossiê abre com um trabalho de Dennis Johannßen, pesquisador alemão radicando nos Estados Unidos da América, que coloca em jogo um aspecto pouco estudado na obra de Walter Benjamin, presente em especial na sua filosofia da linguagem, e que se refere à crítica da dominação da natureza. Enfatizando as dimensões da experiência e da expressão no encontro entre humanos e não humanos, o ensaio procura um aporte para a reflexão sobre a crise ecológica hoje.

O segundo texto, dos espanhóis José Antonio Zamora e Jordi Maiso, traz à discussão alguns efeitos das transformações sistêmicas do capitalismo, principalmente no que dizem respeito aos processos de subjetivação, colocando a educação no centro desse processo. Eles mostram como os processos educativos atualizam as condições antropológicas delimitadas por Adorno ao tratar das formas de vida sob a ordem do capital. Trata-se de um estado de coisas que rompe aquela que é talvez a última fronteira do humano, promovendo submissão, regressão e adaptação aos imperativos sistêmicos do capital.

Helge Kmínek, docente da Universidade de Frankfurt, Alemanha, nos oferece, na sequência, uma reflexão que dialoga com as duas anteriores. Com a primeira porque se centra na crise ambiental contemporânea, dedicando atenção a um programa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a

Cultura (UNESCO) sobre o tema; com a segunda porque busca uma resposta educacional crítica aos impulsos populistas com características conservadoras, tão presentes no contemporâneo. Com isso localiza a democracia como um tópico para a formação educacional e defende a pedagogia como mediadora para este fim.

Emiliano Gambarotta, da República Argentina, completa o que pode ser um primeiro bloco de textos. Considerando transformações sociais desses nossos tempos neoliberais, o autor busca elaborar alguns fundamentos para uma educação democrática que possa resistir às ameaças totalitárias, sempre à espreita. Retomando a crítica benjaminiana da informação, ele encontra no conceito de semi-expertise uma senda que, junto ao sentido que Richard Sennett atribui ao “artesanal”, o fará perspectivar uma nova experiência de tempo e de cultura, que possa corresponder a uma sociedade de fato democrática.

Bruno Pucci, o decano dos estudos sobre Teoria Crítica e Educação no Brasil, abre a segunda parte do dossiê, oferecendo-nos densa reflexão sobre a estética e seus motivos formativos. Faz isso por meio de extensa visita à obra de Adorno, mas dando, com o próprio frankfurtiano, como que um passo atrás, para chegar a Schopenhauer e Hegel. Feito tal movimento, retorna para encontrar o que chama de “dissonância utópica” como expressão da experiência formativa, evocando o comentário e a crítica como movimentos que a tornam possível.

Seguindo nas trilhas da experiência estética como formação, Michelle Carreirão Gonçalves, do Rio de Janeiro, propõe o estudo do esporte como artefato estético, prescrito, então, o conceito de obra esportiva. Inspirado em aportes de Adorno e Benjamin, o ensaio destaca um dos componentes irrenunciáveis para a consecução da obra, a técnica. Observa que a expressividade é possível na tensão que o movimento técnico propõe ao jogo e à mimese, conformando, finalmente (mas sem fim), uma forma.

Danielle Torri, do Paraná, e Alexandre Fernandez Vaz, de Santa Catarina, seguem com o esporte, esse tema tão contemporâneo, mas agora analisando-o por seu aparente verso, mas que é sua confirmação: o paralimpismo. A ideia mesma de um corpo deficiente é posta em conflito porque o esporte tem como premissa a eficiência de corpos que quase sempre estão, por definição, acima de suas possibilidades, mas abaixo das demandas exigidas pelo mainstream olímpico. O exercício do texto é feito a partir da materialidade da experiência de um atleta paralímpico de alto rendimento.

Inspirados em The Authoritarian personality, o tão emblemático quanto importante estudo liderado por Adorno, Christian Muleka Mwewa, do Mato Grosso

**Organizadores**

Alexandre Fernandez Vaz –  
UFSC

Danielle Torri – UFPR

do Sul, Alex Sander da Silva, de Santa Catarina, e Juliana Silva Rando, igualmente do estado do Centro-Oeste, estudam o que seria uma personalidade racista na educação da infância. Tomam como material analítico estudos sobre o tema, assim como um conjunto de práticas pedagógicas. Ao colocar tudo isso sob tensão, e considerando o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), o texto advoga pela adoção de medidas objetivas para combater o racismo social.

Pensar sobre o presente, colocá-lo sob tensão, voltar às grandes inspirações da Teoria Crítica não para repeti-las, mas para, eventualmente com elas, ir além delas. Eis as tentativas, eis os resultados. Como já escreveram certa vez Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, continuar.

Florianópolis, Curitiba, outono de 2022.



<http://www.perspectiva.ufsc.br>